

**SARMIENTO: A CIVILIZAÇÃO E A BARBÁRIE NA IDENTIDADE
ARGENTINA**

Maria Roberta Soares do Nascimento

Ruben Maciel Franklin

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar a obra “*Facundo, Civilização e Barbárie*”,¹ do escritor Domingo Faustino Sarmiento (1810-1888). Um ensaio histórico escrito em 1845 sob a forma de folhetim, quando o autor estava exilado no Chile devido suas posições políticas liberais. A obra buscava caracterizar a República Argentina no intuito de produzir uma identidade nacional e criticar a corrupção e o autoritarismo da política oligárquica em que o país estava mergulhado.

Palavras-chave: Facundo, identidade argentina, tipos populares.

INTRODUÇÃO

O livro é constituído de três partes. A primeira parte pretende estudar o território argentino, de forma a abranger os tipos populares, a cultura e a história da pátria. A segunda parte se volta à biografia do personagem central do livro, o “bárbaro” nascido na província de La Rioja: Facundo Quiroga, que Sarmiento trata por identificar como a barbárie provinda do campo argentino, e na terceira parte aparece o programa político liberal com que se identifica Sarmiento e alguns companheiros da *Geração de 37*, entre eles Esteban Echeverría e Juan B. Alberdi².

Ao se debruçar sobre a dualidade Civilização e Barbárie, identificando a polaridade que demarcava tanto a geografia como a composição social da Argentina pós-independência, Sarmiento denota um dos seus objetivos específicos ao escrever *Facundo*, ou seja, explicar o problema da realidade nacional de acordo com princípios históricos, geográficos e sociais, utilizando o estudo da vida de Facundo Quiroga, no intuito de compreender o governo autoritário de Juan Manuel de Rosas (1835 – 1852).

CONTEXTO HISTÓRICO

Para obtermos uma melhor compreensão sobre as intenções de Sarmiento e suas posições é necessário nos atermos ao período histórico em que ele escreveu e a situação da República Argentina na época. Logo, se torna importante escrever um breve relato sobre o processo de independência da Argentina e a posterior inviabilidade de construção de um Estado Nação, devido a ascensão de chefes políticos locais que se estabeleceram no poder: os caudilhos.

Quando em 1810 se iniciou o movimento de independência das colônias espanholas na América, a Argentina situava-se como parte do Vice-reino da Prata³, região que vivia auge da atividade comercial, tendo Buenos Aires como principal centro econômico (localizada as margens do rio da Prata). Daí saiu os principais líderes do movimento de libertação, ou seja, membros da elite comercial portenha, cujos ideais expressavam como pano de fundo o liberalismo e o iluminismo.

Contudo, cabe ressaltar que na época de sua independência a Argentina se encontrava dividida em regiões com interesses políticos e econômicos divergentes.

Segundo Maria Ligia Prado⁴, essas regiões correspondiam a Buenos Aires e sua província, detentora do porto e monopolizando as exportações; ao litoral dos rios (Santa Fé, Corrientes) que ansiavam a livre navegação e a região do interior (Córdoba, La rioja e Tucumán) voltada a agricultura. Assim, mesmo após uma união prévia após a independência (Províncias Unidas da Prata), essas regiões voltaram a se debater quando da necessidade de criação de um projeto de Estado Nação. De acordo com Maria Ligia:

Os Setores de Buenos Aires tinham uma proposta liberal para a organização do Estado que se baseava na divisão em três poderes e no sistema representativo. A única possibilidade que entendiam ser viável consistia na centralização política, tendo como núcleo Buenos Aires. (...) A bandeira da federação levantou-se então contra Buenos Aires.⁵

Dessa forma, a política argentina se caracterizou pela disputa de dois projetos: um defensor do Estado liberal e centralizador, organizado em torno do partido denominado *unitário*, do qual Sarmiento viria a ingressar; e outro adepto do Estado Conservador e descentralizado, que almejava a autonomia das províncias argentinas sob o comando dos chefes locais, eram os federalistas.

Entre 1810 e 1862, a Argentina viveu sob o intenso combate civil encabeçados por esse dois grupos, de onde emergiam indivíduos que arrogavam o poder provincial para si e governavam com mãos de ferro, ou seja, os caudilhos. Entre os quais Facundo Quiroga e Juan M. Rosas que assumiu o controle de Buenos Aires entre 1829 e 1852, período notabilizado pelas constantes lutas civis nas quais sempre figuravam representantes dos dois principais grupos políticos do período: federalistas e unitários. Facundo e Rosas eram federalistas, mas divergiam, por exemplo, em relação à organização do Estado. Facundo achava necessária a criação de um Estado dentro do sistema federalista, já Rosas pensava que cada província devia primeiro se organizar e se estabilizar, para depois formar-se a Federação. A atitude de Rosas, no entanto, através de ações que estimulavam o monopólio cada vez maior de Buenos Aires sobre as demais províncias, as tornava cada vez mais dependentes. Os unitários, dentre os quais se situava Sarmiento, defendiam os ideais liberais bem como a formação de um Estado guiado pelas “luzes da razão” que possuísse uma constituição a ser seguida, pondo fim às lutas internas que dividiam a Argentina.

O governo de Rosas reprimia de forma violenta os adversários, fazendo-os buscarem exílio no Chile ou no Uruguai. Sarmiento foi apenas um, dos muitos exilados políticos. Aos 20 anos ele saiu da Argentina pela primeira vez, fugindo da perseguição política de Rosas. Em 1836 voltou à sua cidade natal, San Juan, e fundou a *Sociedad Literaria*, espécie de filial da *Asociación de Mayo* fundada em Buenos Aires para combater Rosas. Em 1840 foi preso e novamente exilado no Chile.

Outro aspecto de Sarmiento refere-se ao fato de ter apoiado os *pelucones* (conservadores) e não os *pipiolos* (liberais chilenos) durante as eleições no Chile de 1841. Em troca de seu apoio aos conservadores, viajou duas vezes em missões diplomáticas aos Estados Unidos e trocou a redação do jornal *El Mercurio* de Valparaíso para o jornal diário *El Progreso*, em Santiago.

Retornando à obra, durante toda a escrita, Sarmiento tenta mostrar que o governo de Rosas representava um retrocesso no caminho de “civilização”, de “progresso” que a Argentina independente trilhava e que continuaria a trilhar se não houvesse acontecido a “fase negativa” da revolução pela independência representada pela luta (e vitória) dos caudilhos contra as cidades.

A influência de pensadores europeus é marcante na obra. De Michelet, por exemplo, pode-se verificar a importância dada à geografia como fator explicativo da história. As idéias iluministas podem ser percebidas na associação que Sarmiento faz constantemente entre cidade e civilização. Assim, o campo, para ele, ao ser o oposto da cidade, era também o oposto da civilização, ou seja, era sinônimo de barbárie.

Tal posicionamento sofreu severas críticas, principalmente a partir de 1920, quando ganhavam força diversos movimentos que faziam crítica ao Estado liberal e que viam no campo, no gaúcho, um caminho para se encontrar as raízes da identidade nacional.

Assim como *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, *Facundo* apresenta uma escrita que se caracteriza pela descrição inicial do meio (da terra), posteriormente faz uma análise do homem (que representa toda a sociedade) e, por último, analisa a revolução de independência e suas fases.

Em suma, de acordo com Germano Moreira campos:

Em sua obra *Facundo, civilização e barbárie*, Sarmiento encontra lugar para fazer julgamento a respeito da trajetória e da situação da Argentina do seu pós-independência até os idos anos da década de 1840, tendo ela própria saído através de folhetins quando do exílio de seu autor no Chile, devido às perseguições que Rosas, então presidente, fazia a seus opositores. No afã de escrever a história para se buscar a formação da nacionalidade, Sarmiento nos deixou claro seu projeto liberal para a Argentina, e a influência adquirida junto a autores iluministas nos forneceu a interessante dialética entre a *civilização*, que tem em seu centro a cidade, e a *barbárie* dos pampas onde se originaram os violentos caudilhos.⁶

CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE: TIPOS POPULARES

O autor inicia o texto “invocando” o espírito de Facundo para que este lhe explique sobre as lutas internas que dividiam a Argentina (“*Tu possuis o segredo, revela-nos!*”) ⁷. E deixa claro que Facundo continuava vivo nas tradições populares e em Rosas, que, para Sarmiento, era seu herdeiro.

Posteriormente, o autor lança uma série de possíveis explicações sobre as causas das constantes lutas civis que assolavam o território argentino (choque de elementos

contrários - campo x cidade; configuração do terreno; idéias opostas que transformavam o mundo político; etc.). No entanto, Sarmiento acaba por concluir que a questão central a ser pensada era a de ser ou não ser *selvagem*. Assim, a situação da Argentina, marcada pela “selvageria”, pela “barbárie” de Rosas seria algo a ser explicado pelo aspecto social de formação do povo. Rosas seria uma manifestação de atitudes e hábitos de uma sociedade desordenada que teve em Facundo Quiroga a sua figura mais emblemática. Ou seja, a partir de Facundo poder-se-ia compreender a sociedade da barbárie e se chegar ao seu herdeiro: Rosas.

Para a compreensão da formação do povo, Sarmiento reserva um espaço importante para a descrição do aspecto físico da Argentina. Esta atitude é compreensível na medida em que, para ele, a geografia seria um fator fundamental para a formação de determinados hábitos e idéias.

O território argentino possuía uma importante característica: a grande extensão. Tal aspecto era visto por Sarmiento como um mal, uma vez que acarretava o despovoamento e o isolamento. Entre uma província e outra, havia regiões sem nenhuma habitação humana. Isto fazia com que o sentimento de insegurança dominasse os integrantes das caravanas que cruzavam os pampas: além do ataque de animais ferozes, havia a insegurança de ser atacado por “selvagens” a qualquer momento. Esta insegurança da vida influenciava o caráter argentino, endurecendo-o, uma vez que a morte violenta era algo inerente ao cotidiano do campo.

Outro aspecto característico do território era a existência de rios navegáveis que não eram utilizados. “*Desse modo, o maior favor que a Providência concede a um povo, o gaúcho argentino o desdenha, vendo nele mais um obstáculo oposto a seus movimentos (...)s*”⁸. Aqui se pode perceber uma crítica não só ao povo que “desdenha” os rios, mas também ao próprio governo que não adotava medidas de canalização e de navegação nos mesmos como forma de estimular, por exemplo, o comércio, levando riqueza para todas as regiões do país.

O que acontecia de fato era que, de todos os inúmeros rios navegáveis, o único que estava sendo “aproveitado” no período era o Prata. Ou seja, somente as regiões que estavam situadas nas proximidades desse rio (Montevideu e Buenos Aires) usufruíam de suas vantagens, principalmente Buenos Aires. Tal província, que como já foi dito

anteriormente era governada por Rosas, exercia uma posição monopolizadora sobre as demais: “(...) *Só ela, na vasta extensão argentina, está em contato com as nações européias; só ela explora as vantagens do comércio externo; só ela tem o poder e as rendas.*”⁹. E o poder de Buenos Aires era mantido pela força, pela violência. Sarmiento inclusive chega a dizer que Rosas, mesmo sendo federalista, instituiu um sistema unitário de dominação e violência. No entanto, a unidade defendida por Sarmiento, e que seria facilitada pelo território plano e indivisível da Argentina, era a unidade na liberdade e na “civilização”.

O território argentino e a sua estruturação são, muitas vezes, durante o livro, associados à Ásia e isto faz sentido na medida em que, para Sarmiento, condições geográficas semelhantes produziram costumes e usos parecidos em povos diferentes: “(...) *assim, encontramos nos hábitos pastoris da América reproduzidos até os trajes, o semblante grave e a hospitalidade árabes*”¹⁰. A questão da vestimenta, aliás, também é descrita por Sarmiento como um dos elementos distintivos do homem do campo (“bárbaro”) do da cidade (“civilizado”, que veste “traje europeu”).

Apesar de algumas semelhanças com as tribos árabes nômades, a organização social das planícies argentinas possuía características próprias, relacionadas, principalmente, ao sedentarismo. O pastor argentino era proprietário da terra, mas para ocupá-la foi preciso dispersar as pessoas, dissolver a associação familiar. Mesmo não sendo impossível um aumento da riqueza e certo luxo nos núcleos de povoamento isolados em determinados pontos do território, Sarmiento acreditava que faltava o estímulo, a necessidade de se mostrar com dignidade (ou seja, a questão de trajes “civilizados”) uma vez que não havia uma sociedade organizada. A frase a seguir descreve muito bem este raciocínio do autor:

(...) A sociedade desapareceu completamente; resta só a família feudal, isolada, reconcentrada; e não havendo sociedade reunida, toda espécie de governo se torna impossível: a municipalidade não existe, a polícia não pode ser exercida e a justiça civil não tem meios de alcançar os delinquentes.¹¹

A principal atividade desenvolvida no território era o pastoreio, devido à extensão da terra e ao próprio despovoamento da região, uma vez que tal atividade não necessita de muita mão-de-obra. O predomínio do pastoreio é, para Sarmiento, fruto de uma propensão do povo à “*ociosidade e incapacidade industrial*”¹² decorrente da fusão

das três “famílias” (espanhóis, índios e negros), ou seja, essa miscigenação teria produzido um resultado infeliz.

Após descrever os principais aspectos da região que influenciavam diretamente no caráter do povo, Sarmiento dedica especial atenção à questão da educação do homem no campo. Todas as ocupações domésticas e todas as indústrias caseiras eram exercidas pela mulher. Ao homem, cabia, desde criança, exercitar sua força física através do domínio da natureza (das matas e dos animais). Desafiar a natureza era inerente ao homem do campo (gaúcho).

Assim, a educação do gaúcho se formava, basicamente, a partir da “*luta do homem isolado com natureza selvagem, do racional com o bruto*”¹³, o que acabava por tornar esse homem também bruto, com as faculdades físicas desenvolvidas, em detrimento das da inteligência.

Contraditoriamente, apesar de considerar o gaúcho um bárbaro, Sarmiento valoriza a sua contribuição para questão da nacionalidade como se pode verificar no seguinte trecho:

(...) Este hábito de triunfar das resistências, de mostrar-se sempre superior à natureza, de desafiá-la e vencê-la, desenvolve prodigiosamente o sentimento da importância individual e da superioridade. Os argentinos, de qualquer classe que sejam civilizados ou ignorantes, Têm uma alta consciência de seu valor como nação ¹⁴.

Como já foi dito, a natureza exercia, segundo Sarmiento, importante papel na formação do caráter desse povo (bruto, desprovido de inteligência, “bárbaro”). No entanto, apesar das características gerais, os gaúchos possuíam particularidades que podiam ser verificadas a partir da caracterização que o autor faz dos tipos populares: rastreador, vaqueano, gaúcho mau e cantor.

O rastreador era o tipo que conhecia os campos como a palma da mão, conhecia os caminhos como ninguém, seguia as pegadas dos animais e sabia distingui-las. Era circunspeto e o seu saber lhe dava “certa dignidade reservada e misteriosa” ¹⁵. De acordo com Sarmiento todos os gaúchos do interior eram rastreadores. Para atestar o grau do saber dos rastreadores, ele conta alguns exemplos que parecem ficcionais devidos aos fatos extraordinários atribuídos ao rastreador.

O vaqueano era um gaúcho “grave e discreto”¹⁶, seu saber sobre a topografia da região o tornava tão ou mais eficaz que um mapa. Pelo cheiro da mata poderia certificar-se, por exemplo, da proximidade de algum lago. Segundo Sarmiento, “*Dizem que o general Rosas conhece pelo gosto o pasto de cada estância do sul de Buenos Aires*”¹⁷. O vaqueano também sabia, pelo vento, pelo comportamento dos animais, etc, a distância na qual se encontrava o inimigo e o tempo necessário pra chegar de um lugar a outro, etc.

O gaúcho mau, de acordo com a caracterização de Sarmiento, era o tipo que morava no pampa, tipo valente e corajoso, que “*quando quer se regalar com uma língua, laça uma vaca, derruba-a sozinho, mata-a, tira seu bocado predileto e abandona o resto às aves silvestres*”¹⁸. Seu domínio sobre a natureza e seu certo ar de superioridade (visível no seguinte trecho: “*quando divisa a patrulha, monta tranquilamente em seu cavalo e o dirige para o deserto, sem pressa, sem aparato, desdenhando voltar à cabeça*”¹⁹) acabava fazendo com que ele se tornasse digno de respeito. Apesar do seu caráter “bruto”, o gaúcho mau tinha uma grande honra tal qual “*os jogadores a respeito da dívida*”²⁰ e fazia valer sua palavra.

A poesia seria um aspecto natural do caráter do povo argentino, devido à beleza e à contemplação da imensidão da natureza. A poesia refletia idealizações morais e religiosas, fatos naturais e tradições supersticiosas e “grosseiras”. O gaúcho cantor é comparado, por Sarmiento, aos trovadores da Idade Média. Seus versos poderiam ser utilizados pelos historiadores do futuro, caso não houvesse “*outra sociedade culta, com inteligência superior dos acontecimentos*”²¹. Ou seja, mais uma vez Sarmiento atribui ao discurso da sociedade “culta”, cidadina, maior validade enquanto fonte para a história.

Um aspecto comum a todos os tipos descritos por Sarmiento é o domínio da natureza, é o predomínio da influência da vida do campo. O autor faz a descrição, muitas vezes mirabolante, desses tipos, no intuito de que, no decorrer do livro, os personagens políticos da Argentina sejam associados a algum deles, ou a mais de um, porque o que ele quer mostrar, de fato, é que as pessoas que dominavam a política argentina traziam esta tradição “bárbara” do homem do campo.

Tal homem não possuía educação formal, sua educação se restringia ao contato com a natureza e com os animais (especialmente o cavalo). A ociosidade também era um aspecto fundamental da sociedade campestre, pois, como a mulher se ocupava de todos os afazeres domésticos e da indústria caseira, ao homem não restava muita coisa a fazer. Assim:

Os homens saem, portanto, sem saber exatamente pra onde. Uma volta pelo campo para ver o gado, uma visita a uma cria ou a um cavalo predileto ocupa uma pequena parte do dia; o resto é absorvido por uma reunião numa venda ou botequim. ²²

Os botequins, portanto, assumiam um importante papel na sociabilidade gaúcha. Nesses espaços, devido ao caráter violento latente do gaúcho, aconteciam brigas e se formavam as reputações dos homens. Vale ressaltar que, durante as brigas, o objetivo não era matar e sim marcar o adversário para demonstrar sua superioridade e para espalhar sua reputação (de valentia, coragem, destreza, oposição à justiça regular e à justiça civil da cidade, etc.) pela região.

Nesta sociedade onde a “cultura do espírito” ²³ era inútil, muitas vezes a ascensão social se dava a partir da reputação que se construía, ou seja, através da força bruta.

Os botequins não serviram apenas para ocupar o tempo ocioso, eles tiveram papel importantíssimo na revolução de 1810, quando a vida pública passou a ser discutida e divulgada nesses locais. Nesse momento, que Sarmiento define como sendo a primeira fase da Revolução, o campo e a cidade se unem no movimento pela independência em relação à Espanha.

Essa união inicial fez com que muitos dos “bárbaros” gaúchos tivessem seu poder legitimado pelas autoridades das cidades através da ocupação do cargo de *comandante de campanha* que constituía uma autoridade militar designada pelo governo cuja função era recrutar tropas para alistá-las no exército da independência, da guerra civil ou da luta contra o índio.

No entanto, esta aliança entre campo e cidade não resistiu e entrou em choque logo após a conquista da independência, tendo o campo alcançado a vitória. Assim, a aliança com o gaúcho, a legitimação de seu poder por parte da cidade (comandante de

campanha) acabou por contribuir para a sua própria destruição, para a destruição de “suas idéias, sua literatura, seus colégios, seus tribunais, sua civilização”²⁴. Ou seja, a vitória do campo sobre a cidade fez com que a “barbárie” predominasse.

Após fazer essas considerações sobre a Revolução pela independência, Sarmiento passa a contar a história de Facundo (que era, a nosso ver, uma espécie de junção do gaúcho mau com o rastreador e o vaqueano).

Descrevendo a infância e a juventude de Facundo, Sarmiento tenta mostrar que ele representou uma figura emblemática da civilização (ou melhor, da barbárie) do campo (“*Facundo é um tipo da barbárie primitiva*”²⁵). A reputação de valentia, de coragem conquistada por Facundo ao longo da sua vida acabou por promover a sua ascensão a comandante de campanha da cidade de La Rioja. Posteriormente ele destrói o governo da cidade:

(...) Facundo, gênio bárbaro, se apodera de seu país; as tradições de governo desaparecem, as formas se degradam, as leis são uns joguetes em mãos torpes; e, no meio desta destruição efetuada pelos cascos dos cavalos, nada se substitui nada se estabelece.²⁶

Assim como Facundo teria sufocado os aspectos da “civilização” em La Rioja, Rosas (seu herdeiro) teria atuado no sentido de levar a barbárie a Buenos Aires, mantendo seu governo não com base na liberdade que os liberais defendiam, mas através da força bruta do “gênio gaúcho”.

FACUNDO, A CIDADE E OS CAUDILHOS.

Num primeiro momento, durante a guerra de libertação houve uma luta das cidades argentinas contra os espanhóis, todavia, consumada a separação os caudilhos dos pampas tomaram para si o poder sobre as cidades, o que acarretou um enorme prejuízo para estas, visto que, a invasão dos caudilhos trazia consigo o esfacelamento do universo cultural e econômico, além de perseguições aos cidadãos, assassinatos e fugas em massa.

Na ânsia de explicitar a dicotomia Civilização e Barbárie, Sarmiento se detém nas sociabilidades, de modo a verificar o atraso e o progresso da sociedade argentina a partir da alusão a duas cidades: Córdoba e Buenos Aires respectivamente, querendo

com isso demonstrar que o desenvolvimento de um determinado local estava associado ao fato de ser ou não politicamente progressivo, e logicamente progressista na perspectiva “Sarmientiana” significava ser *Unitário*. Embora considerasse as cidades como sendo o centro da civilização e acentuasse a importância da urbanização, Sarmiento contrapõe estas duas cidades a fim de esclarecer como a presença do passado colonial inviabilizava o projeto de uma nação e facilitava o avanço do caudilhismo.

Sendo assim, Córdoba, Segundo Sarmiento uma cidade que apesar da declarada beleza provinda de suas construções ao estilo Ibérico e detentora de uma Universidade, estava enclausurada, “*Córdoba não sabe que existe outra coisa além de Córdoba (...)*”,²⁷ uma cidade com feições feudais, detentora de um forte conservadorismo católico, desconhecadora de inovações como ópera e jornais, além disso, que havia sido refúgio de espanhóis durante a Revolução, revolução esta a que os habitantes de Córdoba fecharam os ouvidos.

Em contrapartida, Buenos Aires no início do século XIX se apresentava com futuro promissor, cidade onde fervia o caldeirão das idéias liberais dos revolucionários devido ao amplo contato que detinham com as doutrinas francesas (iluministas), devido à liberdade de comércio no porto. Logo, “*o contato com os europeus de todas as nações é maior ainda que em qualquer outra parte do continente hispano-americano: a desespanholização e europeificação se realizaram em dez anos de um modo radical, (...)*”²⁸. Dessa maneira, a República Argentina tinha seus valores conservadores e liberais traduzidos nas formas de vivência dessas duas cidades. Córdoba, reino do atraso e do obscurantismo, hostil às inovações, “*bárbara, arbitrária e americana*”²⁹. Enquanto Buenos Aires representava a verdadeira cidade enquanto espaço de liberdade, razão e felicidade, sendo notadamente “*civilizada, constitucional e européia*”³⁰.

Após o relato sobre as cidades, Sarmiento dá prosseguimento ao texto buscando penetrar nas lutas internas pelo poder, que acarretaram diversos combates entre os unitários e os federalistas, denotando também nesse sentido o avanço de Facundo sobre as Províncias argentinas, a subida de Rosas com poderes supremos sobre Buenos Aires, a conseqüente divergência entre Facundo e Rosas, quando do fortalecimento deste último, e a importância de tais acontecimentos para o futuro da República Argentina.

Rosas assume o comando em Buenos Aires, em 1827, ao derrubar o governo *Unitário* de Bernardino Rivadavia, o qual segundo Sarmiento não resistiu a queda, o que lhe deveu severas críticas. Com Rosas no governo é instaurado o período de “terror glacial”, onde vigora a perseguição política, os assassinatos e a ausência de lei. Para Sarmiento, os anos sanguinários foram marcados por intensa simbologia, a própria bandeira do país, antes representada por duas faixas celestes e uma branca querendo dizer com isso: “*justiça, paz, justiça!*”³¹, durante o breve governo unitário, é substituída pelo colorado de Rosas, que Sarmiento caracteriza como sendo o símbolo do “terror, sangue, barbárie”³². Assim, o uso público (forçado aos cidadãos) dos adereços impostos por Rosas funcionava como forma de garantir a formação de uma identidade federalista, Sarmiento é irônico a informar que logo todos os cidadãos se tornavam “federalista”, “*Perguntai em toda República Argentina se há alguém que não sustenta e acredita que é federal!*”³³, visto que, estavam sob os olhos vigilantes de Rosas. Rosas tratava de procurar a unidade no lema: morram asquerosos e selvagens unitários. O regime de terror era altamente eficaz

Sarmiento traz a tona o grande crescimento do poder de Facundo Quiroga, em suas campanhas onde prevaleciam atrocidades indiscriminadas e o silêncio da justiça em frente as suas barbaridades, que o levam a se tornar o mais forte e poderoso caudilho do interior, chegando a deter em suas mãos o poder absoluto sobre oito das treze províncias argentinas: Tucumán, Salta, Jujuy, Catamarca, La Rioja, San Juan, Mendoza e San Luis. Para demonstrar a ascensão de Facundo, Sarmiento percorre pelos campos de batalha, caracterizando suas estratégias e seus atos de violência para com os derrotados. Assim, Sarmiento, denota a composição moral e psicológico-intelectual de Facundo Quiroga. O homem de atos de pura audácia e maldade, que o faz ser comparado ao temível tigre de los llanos; animal cruel e traiçoeiro que se alimenta de carne humana e que habita os pampas.

Todavia, sendo Facundo apenas o esboço do que viria a ser Rosas, Sarmiento enfatiza que “*Facundo não é cruel, não é sanguinário; é o bárbaro, somente, que não sabe conter suas paixões e que, uma vez irritadas, não conhecem freio nem medida; (...)*”³⁴, enquanto, “*Rosas não se enfurece nunca; calcula na quietude e no recolhimento do seu gabinete, e dali saem as ordens aos seus sicários*”³⁵.

Um aspecto marcante assinalado por Sarmiento é o fato que o avanço de Facundo é acompanhado pelo crescimento dos poderes dos caudilhos nas províncias argentinas, fermentando a desunião e a anarquia interna do país. Nesse sentido, Sarmiento enfatiza a desintegração de qualquer processo de evolução econômica e urbana nas províncias tomadas por Facundo, afirmando que a invasão de Quiroga provocava a interrupção e o retrocesso de movimentos industriais, caso notável teria sido o de Mendoza, que “*era até então um povoado eminentemente civilizado, rico em homens ilustrados e dotado de um espírito de empresa e de melhoria (...)*”³⁶, e que após a passagem de Quiroga conheceu a sementeira de sangue durante dez anos.

O desfecho da obra é demarcado pelo acirramento das disputas entre os caudilhos que não vêem com bons olhos o crescimento do poder de Facundo e de sua área de controle. Rosas vê Facundo como um poderoso adversário político. Inicia-se a luta entre os caudilhos, ambos com suas audácias e astúcias, não atacam concretamente, contudo, mantém a característica tradicional do gaúcho: a traição.

O autor pretende nos dizer que os interesses federalistas dos caudilhos não representariam os interesses da nação argentina ainda em gestação, tanto que a partir do momento que seus poderes atingem um nível elevado, as aspirações em torno de seus individualismos (poder/influência) fariam mais alto que qualquer identidade ou aspiração coletiva.³⁷

Desenvolvendo o surgimento dessas lutas “intercaudilha” o autor parte para o capítulo XIII, denominado *Barranca-Yaco*, onde mostra um Facundo com poder total sobre as províncias do interior, sendo, portanto um perigoso inimigo de Rosas que tem seu poder estabelecido em Buenos Aires. Nesse momento, a Argentina se encontra sob o controle total dos federalistas. Uma vez que Facundo penetra o território de Rosas sofre uma espécie de metamorfose, passa a se comportar de maneira “nobre e imponente”, com gastos dispendiosos em jogatinas e desprezo para com Rosas. Todavia, sabe que em Buenos Aires não detém a mesma influência que possui no interior.

Porém, em dezembro de 1835, as circunstâncias exigem que Facundo abandone Buenos Aires e retorne para o interior. No seu trajeto de volta retoma o contato com o campo, seu “verdadeiro ambiente”. Facundo sofre novas transformações em frente às dificuldades que se apresentam, a brutalidade e o terror voltam a aparecer em meio ao

que Sarmiento denomina de sociedade semibárbara. Todavia, facundo sofre um atentado e é assassinado, nesse momento Sarmiento lança dúvidas sobre o mandante do crime, deixando no ar as possíveis evidências que levariam a Rosas. “*A história imparcial espera ainda para assinalar com seu dedo o instigador dos assassinos*”.³⁸

Com a morte de Quiroga, o autor sugere que em questão de um mês a Argentina toda caiu nas mãos de Rosas, o qual exigiu amplos poderes, e que não se contentando com a ditadura passou a exercer o controle sobre a *Soma do Poder Público*, revestido desse poder em 1835 o utilizou abusivamente até a sua queda em 1852, adotando um programa de governo sem maquiagens. “*Quem não está comigo, é meu inimigo*”.³⁹ Sendo assim, segundo Sarmiento, a centralização do poder nas mãos de Rosas operou a unidade da República, não que Rosas agora fosse unitário, uma vez que, após todos dizerem “federação” a unidade é impossível, mas devido ao fato de que uma vez submetida toda ela ao arbítrio de Rosas a República estava “unitarizada”.

Sarmiento satiriza este período Rosista afirmando que a própria forma de fuzilar o inimigo, vinda da Europa estava sendo substituída pelo ato de degolar, típico do gaúcho mau dos campos argentinos. O autor também lamenta a ausência em Rosas de um apego às instituições européias, o que veio a prejudicar enormemente a formação da nação argentina, deixando lacunas a serem preenchidas, como o caso da imigração européia.

Dessa maneira, esse governo buscava a adesão a partir da força, a própria adesão dos negros da cidade foi fator de fortalecimento de Rosas. Frente ao autoritarismo de Rosas, a França decreta um bloqueio à Argentina, e Rosas trata de utilizá-lo como uma afronta contra dissimulado *Americanismo*. Esse nacionalismo, latino-americano e argentino, que Rosas pretendia representar, era para Sarmiento, pretexto para que as riquezas nacionais fossem cada vez mais sugadas pelo governante sob o disfarce de um possível interesse americano.

Em suma, a política “absolutista” adotada por Rosas trouxe para ele adversários heterogêneos, tanto liberais como conservadores. Logo, Rosas não agradava nem “a gregos nem a troianos”, se não a ele próprio.

Sarmiento chega ao final de seu livro expondo soluções para a Argentina superar a crise em que foi submetida pela Barbárie. Para ele, o governo liberal deveria restituir

as liberdades civis aos argentinos e sancionar uma constituição nacional. Todavia, Sarmiento restringia a participação política, pois na sua ótica só deveriam votar pessoas educadas com os valores da democracia liberal. Sarmiento idealizava um poder cercado pelo intelecto para controlar racionalmente o futuro político do estado. Cria na ação de minorias ilustradas, as quais deveriam exercer a liderança política. Também acreditava em projetos para a imigração (essencial no projeto de nação), navegação fluvial, educação, liberdade e apoio à imprensa, liberdade de religião e opiniões, justiça, comércio interno e externo.

Segundo Sarmiento, a sociedade do futuro era uma sociedade essencialmente urbana. O gaúcho dos Pampas seria superado pelo progresso, sendo reconhecido como parte da nação primitiva e bárbara já superada. O argentino do futuro seria civilizado, urbano, educado e trabalhador.

Sarmiento foi um inovador de sua época, fundamentando-se no determinismo geográfico, tentou compor o tipo social argentino a partir da construção de perfis regionais, numa dualidade figurada entre o campo (Barbárie) e a cidade (Civilização). Foi duramente criticado por sua despreocupação com a “verdade” histórica, acusado de não se ater rigorosamente às datas exatas dos acontecimentos e de se envolver pela ironia exacerbada e a ficção literária. Sarmiento não só provocou polêmica pelo seu estilo de escrever, como desmascarou a política oligárquica argentina e a corrupção dos chefes políticos: os caudilhos. Ao se debruçar sobre a terra, o homem, as cidades de seu país, Sarmiento lançou as bases de pensamento para a formação da Argentina enquanto Nação.

NOTAS

¹ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo: Civilização é Barbárie*. Tradução: Jaime A. Clasen. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

² Juntamente com Sarmiento, Echeverría com o livro *Ojeada retrospectiva sobre el movimiento intelectual em el Plata desde año 37* (1846), e Alberdi com o estudo *Bases e puntos de partida para la organización política de la Republica Argentina (1852)* contribuirão com seus escritos para o estudo da formação do Estado Nacional argentino.

³ Região que atualmente corresponde aos territórios da Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia e Norte do Chile.

⁴ PRADO, Maria Ligia. *A Formação das nações latino-americanas*. São Paulo: Atual, 1987.

⁵ *Idem*, p.37.

⁶ Campos, Germano Moreira. *A construção da nação e a busca de identidades políticas em Facundo, civilização e barbárie*. In: Revista Eletrônica **Cadernos de História**. Publicação do corpo discente do departamento de história da Universidade Federal de Ouro Preto. Ano II, n. 01, março de 2007, p. 1. Disponível em: www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria

⁷ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p. 46.

⁸ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p. 67.

⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p. 68.

¹⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p. 87.

¹¹ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p. 75.

¹² SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p. 71.

¹³ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p. 79.

¹⁴ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem, idem*.

¹⁵ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p. 91.

¹⁶ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p. 92.

¹⁷ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p. 93.

¹⁸ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p. 95.

¹⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem, idem*.

²⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p. 96.

²¹ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p. 97.

²² SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p.105.

²³ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p. 107.

²⁴ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p. 115.

²⁵ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p. 139.

²⁶ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p. 151.

²⁷ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p. 163.

²⁸ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p. 167.

²⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p. 173.

³⁰ *Idem, idem*.

³¹ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p. 182.

³² *Idem, idem*.

³³ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p. 184.

³⁴ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p. 236.

³⁵ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p. 238.

³⁶ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p. 227.

³⁷ Campos, Germano Moreira. *Idem*, p. 6.

³⁸ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p. 272.

³⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Idem*, p. 281.